

LIVRO DE BOLSO

Maria das Graças Rodrigues Paulino *

— Relato de Pesquisa: Leitura de livros de bolso em Belo Horizonte —

Há poucas livrarias no País, porque estas são lojas especializadas no comércio de um produto dirigido a uma minoria insignificante da população. As grandes massas urbanas alfabetizadas não consomem a literatura de livraria: falta-lhes poder aquisitivo e desembaraço cultural para tanto.

Outra é a situação da literatura de banca. Por um preço dez vezes menor que o de livraria se adquire um livro bem mais fácil de ler e de carregar, e que pode, inclusive, ser trocado, depois de lido, por um outro. Essa ficção de bolso conta, por isso, com um número muito maior de leitores habituais que as publicações da chamada literatura culta. Só a CEDIBRA, que edita o «bolsilivro», é responsável por mais de trinta séries temáticas de sucesso, entre faroeste, espionagem, ficção científica, terror, amor e outras. Essa literatura de banca participa do universo da cultura de massas: redundante, consolatório, conservador. Como recebem os leitores estes textos?

Circulam muitas hipóteses sobre o leitor de livros de bolso e sobre a sua leitura. As principais são:

* Este trabalho é de Ângela, Aurora, Divina, Doralice, Edilene, Ilza, Isaura, J. Agostinho, J. Soares, Júlio, Luiz Carlos, Luíza, Márcia, Maria Auxiliadora, Maria Cristina, Marília, Maria Sueli, Regina Cândida, Regina Márcia, Rosângela, Vera e Wileidy, alunos da turma de Estilos de Época E, turno da noite, 1º semestre de 1980, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

- 1ª) O leitor de tais obras é um adulto de baixo nível cultural.
- 2ª) A leitura de tais obras tem função de fuga predominante:
- 3ª) Representa-se uma elevada dose de violência em tais obras, com função catártica, deslocadora de tensões.
 - a. o livro é logo esquecido;
 - b. toda história deve acabar bem;
 - c. o exótico é preferido ao familiar.

Não conheço trabalhos de campo que tenham testado tais hipóteses. Por isso, me propus a orientar vinte e dois alunos do curso de Graduação da Faculdade de Letras numa pesquisa sobre a leitura de livros de bolso em Belo Horizonte, no primeiro semestre de 1980.

Foi montada uma entrevista com questões que permitissem verificar as hipóteses citadas. Cinquenta e cinco leitores habituais de livros de bolso foram entrevistados pela turma, que depois procedeu à análise dos dados coletados. Em síntese, as conclusões foram as seguintes:

1ª) O leitor de livros de bolso (bolsilivros) se pode localizar em qualquer faixa de escolaridade, do 1º grau incompleto ao superior completo. Quando se presume ser baixo o «nível cultural» de tal leitor só se pode entender que o parâmetro usado foi o nível de escolaridade. Neste caso, a presunção se revelou falsa: a faixa de escolaridade de ler oscila muito e se estende ao grau universitário.

2ª) O leitor de bolsilivros geralmente lê jornais e revistas quando pode, embora costume se esquivar à leitura de outros livros. Alguns entrevistados alegaram não gostar de outros tipos de livros por achá-los longos, cansativos ou difíceis. Na maioria dos casos a preferência de leitura é consciente e tende a excluir outros livros, mas não jornais e revistas.

3ª) O leitor de bolsilivros não se preocupa em fixar as histórias que lê: rapidez e superficialidade caracterizam sua lei-

tura. Ele consegue lembrar nomes de certos autores de séries (Corin Tellado, ou Estefânia, por exemplo), mas não consegue narrar uma história já lida. Alguns disseram ter lido duas vezes vários livros, só podendo reconhecê-los quase ao final.

4ª) O espaço geográfico-social exótico é preferido ao familiar pelo leitor de bolsilivros. A maioria não desejaria que as histórias se passassem no Brasil, ou porque só as consideram verossímeis em cenário estrangeiro ou porque querem obter com a leitura a ilusão de viagem.

5ª) O leitor de bolsilivros está satisfeito com as histórias que lê. A maioria nada quer sugerir aos autores, concorda com o desfecho feliz e com todo o resto.

6ª) O leitor de bolsilivros gosta de encontrar descrições de crimes, assaltos, mortes, episódios violentos em geral nas narrativas. Como a maioria se declarou aficcionada ao faroeste e à espionagem, deduz-se que a busca da violência se inicia na própria escolha do gênero. Grande parte dos leitores afirma não associar a violência das histórias à realidade e diz que nesta, (infelizmente!), o bandido nem sempre acaba mal.

As conclusões revelam que, das hipóteses iniciais, apenas uma, a primeira, foi negada; as outras se confirmaram. De qualquer modo, a pesquisa, apesar de modesta e incompleta, representa uma experiência válida: introduz uma nova perspectiva nos trabalhos universitários sobre literatura e constitui uma contribuição de certo interesse para a teoria da comunicação de massa.

Para alguns, pode ser desanimador confirmar, mais uma vez, a idéia de que o brasileiro médio busca na leitura um modo de se alhear dos problemas concretos da vida social. Para outros, pode ser desolador constatar, mais uma vez, que «obras de tão baixa qualidade literária» sejam tão apreciadas por tantos. Lembremos, porém, que esta é uma face da história da literatura de nosso tempo e de nosso país que talvez não devamos apenas lamentar. Talvez devamos também utilizá-la como objeto de reflexão no intuito de subvertê-la, procurando meios de ajudar a formar um novo hábito popular de leitura.

Maria das Graças Rodrigues Paulino